

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

LÉONARD (Émile Guillaume). — **Histoire du Protestantisme**. Paris, Presses Universitaires de France, 1950, 126 pg.. Coleção "Que sais-je?"

Um artigo ou um livro sobre o protestantismo, vindo do professor Émile Léonard (2), dispensaria toda e qualquer apresentação. Diretor de Estudos da Secção de Ciências Religiosas da Escola de Altos Estudos, especialista que conta entre suas obras um grande número de trabalhos de história religiosa focalizando na sua maioria questões sobre o protestantismo, seu nome é, por si só, uma alta recomendação.

O livro do prof. Léonard, figurando na coleção "Que sais-je?" conhecida por seus objetivos de série de obras de divulgação, sofre as exigências de uma condensação excessiva, sendo obrigado a resumir em 126 páginas, toda a história do protestantismo.

Colaborador dos *Annales*, o autor reflete a influência desse espírito envolvente que é Lucien Febvre, citado várias vezes nos capítulos que estudam Lutero e os problemas da origem da Reforma. Opondo-se às razões exclusivamente políticas e morais, tradicionalmente apontadas para explicação da Reforma e criticando as elaborações fundamentadas numa visão economista do problema, como são as de Max Weber ou Barbagallo, que vêm na Reforma a expressão em termos teológicos de uma nova situação econômica, o prof. Léonard, baseando-se numa frase de Febvre "A la révolution religieuse, causes d'abord religieuses" (pg. 6) — encara a Reforma como uma resposta às necessidades espirituais da Cristandade, que a religião tradicional, não mais satisfazia.

O homem do fim da Idade Média, "época de guerras, sofrimentos e de pecado" (pg. 11), consciente de sua impotência em face do mal, tem diante de si um Deus longínquo e inacessível, demasiadamente austero para compreendê-lo. A Igreja que até então servira de aproximação sofre nessa época um enfraquecimento como instituição e órgão de direção religioso. O homem abandonado a si mesmo, não encontra resposta para a pergunta angustiante que lhe atormenta o espírito: "Que devo fazer para me salvar?" (pg. 12) Vem da Itália, irradiando-se por toda a Europa Ocidental, a tentativa de resposta dos humanistas: "uma nova concepção de vida e de religião" (pg. 14). Pico da Mirandola, Erasmo, Lefebvre d'Étaples, encontram eco na Alemanha, França, Inglaterra, Países-Baixos, Espanha, etc., sem trazerem a solução tão desejada. "A Cristandade pedia a salvação, os humanistas lhe ofereciam uma sabedoria e uma aspiração" incapazes de satisfazer completamente os seus anseios. O problema da salvação encontrará solução na alma de um homem: Martinho Lutero, resumida numa fórmula — "O homem se justifica pela fé sem as obras da Lei" (pg. 25). De uma solução eminentemente individualista, nasce a Reforma. O sentimento torturante de pecado que até então agoniava os espíritos é para Lutero, uma prova da eleição divina, condição essencial

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

(2). — O prof. Léonard foi professor de História Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1948-1950.

para salvação. "Pode-se sentir a força que Lutero encontrou nessa descoberta que transformava o que até então tinha sido suplicio, em segurança" (pg. 26). A Reforma aparece dessa maneira explicada por razões essencialmente espirituais. Reformar a Igreja saturada de vícios, preocupação primeira dos reformadores? Não, responde o prof. Léonard, o problema da salvação individual, foi a idéia germem da Reforma, a reforma das instituições, apareceu depois, como uma conseqüência lógica dos acontecimentos.

Lucien Febvre, já em 1928, colocara questão em **Un destin — Martin Luther** (3). Outros têm-na formulado em termos semelhantes. O livro do prof. Léonard contribuirá para a sua divulgação.

Também sobre a questão das indulgências: Lutero não critica na venda das indulgências a comercialização na Igreja, como muitas vezes se tem dito, mas reage contra uma doutrina que atribui às obras o poder de salvar as almas — concepção em oposição violenta à sua idéia de justificação unicamente pela fé.

Um bom capítulo: Calvino, sua formação e seu papel, retomando a Reforma, dando-lhe novas energias e realizando um notável esforço de sistematização. A oposição entre Calvino e Lutero é aí nitidamente traçada: este, cuja mensagem é essencialmente individualista e mística, deixa de lado os "aspectos sociais do problema religioso, quer se trate da vida secular do Estado ou da Igreja" (pg. 63); aquêle — Calvino, fará desses problemas o centro de suas atenções.

A necessidade de tratar de temas por vezes muito amplos em poucas palavras, leva certos trechos da obra a deslisarem para a história puramente narrativa. Isso acontece por exemplo nas referências feitas a expansão luterana e calvinista fora da França, no século XVII. O luteranismo e o calvinismo difundem-se pela Europa Ocidental. Em alguns países recrutam um grande número de adeptos, em outros mal conseguem penetrar. Por que? Quais os fatores psicológicos, políticos e espirituais responsáveis por esse fenômeno? Poderiam as condições espirituais, por si só, explicar a grande vitória do calvinismo na Suíça ou do luteranismo na Dinamarca ou Suécia, e por outro lado a sua pequena repercussão na Espanha ou na Itália? A reforma calvinista obteve um grande sucesso nos Países-Baixos, preparados pelas reformas humanista, luterana e anabaptista, que aí haviam conseguido numerosos adeptos. Apesar da terrível repressão do duque de Alba os dissidentes organizaram suas Igrejas. "Mas o sucesso definitivo de suas aspirações religiosas está ligado ao apoio que lhes prestou o príncipe de Orange — Guilherme de Nassau — o Taciturno" (p. 75). As províncias do sul onde a Reforma não encontrou um tal auxílio permaneceram católicas. Até que ponto os fatores espirituais, contribuíram para expansão do calvinismo ou do luteranismo, qual a responsabilidade dos fatores políticos nessa difusão? Eis problemas fundamentais que na maioria das vezes são negligenciados.

Lamentamos que o autor nem sempre possa ter mantido o nível explicativo esboçado no capítulo sobre a expansão do calvinismo na França, onde depois de mostrar os meios sociais em que se recrutaram os calvinistas, analisa, embora ligeiramente, os motivos políticos, psicológicos e sobretudo espirituais que explicam o fato do protestantismo ter-se radicado apenas nas províncias mais afastadas do centro. Excelentes também as observações sobre a expansão do protestantismo no século XIX, expansão que em menos de cem anos o transformou de um fenômeno quase exclusivamente europeu em mundial, pela colonização de novas terras, desenvolvimento da ação missionária, entre os pagãos e avanço sobre os países católicos, criando uma série de novos problemas.

Muitas vezes no decorrer do livro sentimos falta de maior relação entre os problemas espirituais e as questões sociais, políticas e econômicas. Outras vezes o autor deixa-se levar por divagações excessivas em torno de questões

---

(3). — **Un destin — Martin Luther**. 1928. Presses Universitaires. 1945.

dcutrinárias e eclesiásticas um tanto áridas, interessando mais à história do pensamento religioso. Isso se nota quando estuda o renascimento pietista ou quando se perde em considerações sobre o chamado "Reveil" — movimento de ressurreição espiritual do protestantismo no século XIX.

Essas observações não invalidam o trabalho. Uma obra de divulgação. Um pequeno livro — um assunto muito amplo. Numa visão rápida, toda a história do protestantismo, sem esquecer-se mesmo sua situação atual. Alguns problemas muito bem situados, apresentados sob um ângulo pouco usual. Notável esforço de síntese, bibliografia sumária, mas especializada — eis, em ligeiros traços, o livro do prof. Léonard.

EMILIA NOGUEIRA.

---

MADARIAGA (Salvador de). — Bolívar. Editorial Hermes. México, 1951.

Com dois alentados volumes que ultrapassam um milhar de páginas, Salvador de Madariaga publicou recentemente seu terceiro estudo biográfico — Bolívar.

Já conhecíamos o autor através de seu primeiro trabalho — *Vida del muy Magnífico Señor Don Cristobal Colon* — editado em 1940 em que defende uma tese convincente através de documentação abundante: a origem judaica do descobridor da América. Lamentamos, hoje, o desconhecimento de outro estudo biográfico do mesmo autor — *Cortes* — o que não deixa de ser lacuna apreciável para mais amplamente aquilatar-mos o sentido da obra deste infatigável investigador que vem dando rumo diferente aos estudos dos vultos mais interessantes da história americana.

Estávamos no Perú quando sentimos a repercussão produzida pelo último trabalho de Madariaga, verdadeira "bomba atômica", arrasante e destruidora, para a gente venezuelana cuja sensibilidade à qualquer nódoa à reputação do filho dileto não perdoa um arranhão sequer no monumento ideal levantado pela sua admiração ao gênio da liberdade americana.

A onda de protesto que se ergueu entre os venezuelanos diante do perfil de Bolívar traçado por Madariaga chegou até o Perú onde se quebrou na muralha do indiferentismo local, para quem a figura do Libertador é julgada por prisma diferente: assim se explica porque surgiram ali defensores da tese sustentada pelo culto investigador de temas americanos.

Que interesse parece presidir à obra de Madariaga destinada a provocar tão forte reação entre os incensadores da obra de Bolívar?

Creemos, depois da análise serena e imparcial do livro, que o Autor, aprofundando-se no estudo da época e do ambiente em que se desenvolveram os acontecimentos da fase da libertação americana do jugo espanhol, pretendeu defender a Espanha cuja política administrativa tem sido denegrida por muita gente e, até mesmo, pelos próprios espanhóis.

Julga Madariaga que os heróis da independência americana — San Martín, Iturbide e Bolívar — foram deformados pela "memória coletiva" que os transformou em personagens míticos, "tabús" intangíveis defendidos por uma legião de fiéis guardiões sempre prontos a terçarem armas em sua defesa, dentre os quais, infelizmente, se inscrevem alguns especialistas de assuntos históricos. Mas o "tabú" Bolívar foi profanado desde a sua genealogia em que o investigador descobre traços das duas raças escravizadas que serviram junto ao colonizador europeu: ambas as correntes miscegenadoras vão ser responsáveis por atitudes num sentido profundamente contrário aos interesses da colonização espanhola no movimento desencadeado por Bolívar.

A orfandade e a viuvez precoces agravarão a oposição ao espanhol peninsular que a educação do fidalgo não temperou. A ambição do poder aceleraria o grau da oposição transformada então em ódio. A "guerra de morte" foi a expressão mais viva da repulsa aos seus consanguíneos de além-mar. Mas

os antecedentes do fato são páginas negras da biografia de Bolívar: indecisão, traição mesmo. A entrega de Miranda às autoridades espanholas e o propósito deliberado de passar-se para o campo espanhol, abjurando a causa venezuelana, são traços do estado de espírito do Libertador naquela hora sombria da história da América. Uma pretensão contrariada devolveu-o ao campo americano. Mera questão de economia privada — a confiscação de seus bens afirmada por Heredia e positivada por Madariaga.

Para o biógrafo de Bolívar, o Libertador tem seus olhos postos em Napoleão cujas atitudes procura reproduzir embora reaja psicologicamente ante a possibilidade de lhe desvendarem a tendência para a imitação. Se em alguns aspectos consegue o seu objetivo, é especialmente na tática militar que realiza integralmente o seu desideratum: rapidez e decisão vão ser os caracteres de suas campanhas ousadas e fulminantes, movidas por uma inteligência extraordinária que o Autor põe em relêvo. Nem tampouco lhe nega a segurança de um estadista maduro quando tinha apenas 30 anos.

Mas ao lado das virtudes caminham as imperfeições: a par da decisão, a falsidade; junto da maturidade política, a malícia, a vaidade, a ambição ilimitada.

Na interpretação das paixões que dominam a Bolívar, Madariaga atua com aquela excepcional argúcia e lógica de raciocínio que lhe advêm, por certo, mais da experiência do diplomata que da habilidade do historiador. Assim, na determinação de uma das arestas mais salientes do caráter de Bolívar que escaparam a muitos de seus biógrafos — a tendência para um aparente desprendimento pelo mando, um falso espírito de renúncia ao poder que, antes, mais o consolidavam na direção das repúblicas que libertou e das quais alijou todos aqueles que pudessem ser obstáculos aos seus anseios. É possível mesmo que o primeiro e único fracasso nessa política tenha influido na aceleração de sua morte. A ambição do poder desviava-lhe, então, as vistas do cenário americano para voltê-las para a Europa e, até mesmo, para a Santa Aliança.

A miragem napoleônica condu-lo à aspiração do trôno para si ou quiçá para um príncipe europeu: a massa de documentos arrolados por Madariaga para sustentar a sua tese, não deixa dúvida sobre o assunto.

A farta documentação de que se serviu Madariaga e seu forte espírito crítico conduziram a um severo julgamento de Bolívar cujas contradições não escaparam ao arguto analista. Bolívar sai das páginas de Madariaga desfigurado por um julgamento impar que apenas a época e as condições atuais dos estudos históricos permitiram em tôda sua plenitude. Arrasta o peso de suas paixões que, se não lhe roubam a glória das realizações dadas as consequências que delas redundaram para a independência americana, modificam, entretanto, a auréola de que se revestiram.

O Homem se sobrepõe ao Herói.

Esta a realidade que nem sempre se acomoda às nossas convicções históricas, porque a Verdade deforma a visão do ideal, do lendário, da tradição tão cara à nossa sentimentalidade.

ROZENDO SAMPAIO GARCIA.

---

CABRAL (Oswaldo R.). — *Os Açorianos*. Florianópolis, 1951. 110 p. — *Os Juizes de Fora*. Florianópolis, 1950. 112 p.

As duas monografias que o sr. Oswaldo R. Cabral escreveu a propósito do centenário da colonização açoriana em Santa Catarina — *Os Açorianos* e *Os Juizes de Fora*, constituem excelente contribuição para o conhecimento da história daquele estado meridional. Aliás, tôda a obra do historiador catarinense traduz, em suma, o mais acendrado devotamento ao passado de seu torrão. Seus trabalhos, principalmente *Santa Catarina* (na Coleção "Brasiliana"), *Laguna* e *Os jesuítas em Santa Catarina* podem ser arrolados entre os melho-

res estudos de história regional aparecidos em nosso país e só lamentamos que outras unidades da federação não tenham encontrado o historiador capaz de traçar-lhes a síntese histórica com a segurança e o espírito de compreensão com que o historiador "barriga verde" escreveu o referido volume da Coleção Brasileira. E — o que é digno de aplauso — sem cair nos velhos processos da simples crônica histórica, de valor informativo, sem dúvida, mas inteiramente fora do que exige a historiografia moderna.

Aos trabalhos citados, cumpre acrescentar as duas monografias há pouco editadas. A primeira, sobretudo, versa um dos mais interessantes temas da história social e econômica do sul do Brasil, qual seja a colonização açoriana em Santa Catarina, estabelecida em 1747 e que representou, portanto, a primeira tentativa de trabalho livre no país. Há assuntos empolgantes, nesse domínio da colonização estrangeira: açorianos em Santa Catarina... suíços em Friburgo... alemães no Espírito Santo, em Campinas, em Santo Amaro... americanos em Santa Bárbara... Todos eles à espera do historiador capaz, não apenas de esboçar-lhes a crônica, mas de traçar-lhes a história social e econômica, salientando, principalmente, o problema das influências racial, social, técnica e cultural. Campo excelente, tanto para o historiador, como para o sociólogo...

A não ser alguns trabalhos recentemente editados sobre a colonização alemã no vale do Itajaí, pouco se conhece, na realidade, sobre essas tentativas de colonização, muitas delas fracassadas e quase sempre por culpa da desorientação com que o problema foi atacado. Assim também em relação aos açorianos. Osvaldo Cabral procura reduzir às justas proporções a idéia bastante generalizada de que a colonização açoriana fracassou pelas constantes sangrias que o recrutamento militar causou entre os colonos, por ocasião das guerras na segunda metade do século XVIII. Sem negar que este fator teve sua parte, o A. vê, todavia, causas mais profundas, ligadas àquela mesma desorientação que já conhecemos em Friburgo. O recrutamento de colonos, nem sempre em condições para o trabalho agrícola, o desajustamento em que ficaram na colônia, levando-os ao abandono das terras e à vida parasitária nas cidades, a política oficial, nem sempre favorável ao desenvolvimento econômico da colônia, não poderiam ter conduzido a resultados diferentes. A influência do açoriano, porém, ficou. É esta influência que o A. salienta no último capítulo de seu trabalho, chegando a conclusões que valem a pena ser transcritas:

"O açoriano foi o elemento básico da sociedade catarinense. Recebeu e conservou a língua, a religião, o sentimento pátrio, os costumes dos antepassados, muitos dos quais ainda perduram, vivos, entre o povo catarinense.

Ainda hoje se encontra a diversidade do destino que marcou as duas frações em que se dividiu a gente ilhoa que veio de 1748 a 1756 — a parte fracassada, economicamente nula e socialmente estacionária, a que ficou ligada à terra, nela empregando os mesmos processos rotineiros dos séculos passados; e a parte evoluída, economicamente sadia, socialmente estruturada, que encontrou noutros campos de atividade a prosperidade e o adiantamento ambicionados.

O fracasso da primeira, entretanto, não representa o fracasso de toda a tentativa, nem representa a falência do seu espírito. Porque são a contribuição da alma açoriana, da civilização lusa que ela legou aos descendentes dos povoadores, o espírito da sociedade, as linhas mestras do complexo social de Santa Catarina.

Grandes e numerosas famílias, ilustres e destacadas, têm as suas origens nos destes troncos vindos do arquipélago. São os descendentes daquela gente que, "tecendo a trama dos nossos destinos, deu à pátria, à religião, às ciências, às letras, tantas figuras altas e nobres de soldados e marinheiros, de padres e irmãos leigos, de médicos e juristas, de políticos e estadistas, de poetas e historiadores". (Carlos da Costa Pereira).

O açoriano venceu pela sua descendência.

Venceu o meio, venceu a ação desclassificadora dos fatores contrários à sua índole, que quase o levaram à ruína e ao fracasso. E, amando a pátria, que acolheu os velhos troncos, elevou-a, impondo, como sinal da sua capacidade, as tendências do seu sangue e da sua alma, as mesmas que perduram e dominam ainda hoje, como marco indestrutível da sua vitória, no panorama social de Santa Catarina."

A segunda monografia — **Os Juizes de Fora**, contém subsidios valiosos para a história politica e administrativa de Santa Catarina, particularmente de sua capital, a antiga Nossa Senhora do Destêrro, fundada por Dias Velho no início do século XVII, no primeiro movimento paulista de expansão para o sul. O trabalho compreende a crônica do Destêrro, desde a chegada do primeiro juiz de fora, Francisco Lourenço de Almeida, em 1812, até a independência, em 1822.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

ANAIIS DO MUSEU PAULISTA — Tomo XIV. São Paulo, 1950. 488 p.

Os **Anais do Museu Paulista**, criados em 1922 pelo Dr. Afonso de E. Taunay, então diretor da prestigiosa instituição do Ipiranga, destinados a ser órgão da Secção de História daquele Museu, impuseram-se desde logo como uma das mais importantes publicações históricas do país. Nos seus tomos volumosos foram publicados quase todos os trabalhos do preclaro historiador das bandeiras sôbre a história de São Paulo, além de valiosíssima documentação arquivada de procedência espanhola.

Assumindo a direção do Museu em 1946, procurou o Dr. Sérgio Buarque de Holanda continuar o mesmo programa de publicações, e se mais tomos dos **Anais** não foram editados até agora, deve isto ser atribuído exclusivamente a dificuldades de ordem econômica e não a desinterêsse por parte do diretor da Instituição e de seus dignos auxiliares.

O último volume que temos em mãos, o décimo quarto, reúne os seguintes trabalhos: "A Câmara dos Deputados sob o Império", de Afonso de E. Taunay; "Memória sôbre a viagem do pôrto de Santos a Cuiabá", de Luiz d'Alincourt; "Recenseamentos coloniais", de Tito Lívio Ferreira e "São Paulo: raízes oitocentistas da Metrópole", de Richard M. Morse.

O trabalho de Taunay, que abrange mais da metade do volume, contém valiosas informações sôbre a vida politica do Império, e foi elaborado nos mesmos moldes de outro trabalho do autor, sôbre o Senado, publicado em 1942, pela Livraria Martins. O trabalho de Tito Lívio Ferreira refere-se à vila de Lages, no período de 1775 a 1794 e transcreve os mapas de população relativos a êsse período; precede-os uma "nota prévia" sôbre os recenseamentos realizados durante o governo do Morgado de Mateus.

Documento dos mais valiosos é a relação da viagem de Santos a Cuiabá, realizada por Luiz d'Alincourt, em 1818, publicada pela primeira vez em 1830 na Tipografia Imperial, e reproduzida neste volume dos **Anais** (pgs. 253-382). Luiz d'Alincourt nasceu em Oeiras (Portugal) aos 17 de fevereiro de 1787. Praça de artilharia em 1799, veio para o Brasil em 1809, como segundo-tenente. Engenheiro pela Academia Militar, teve numerosas comissões importantes na Bahia (1816), em Pernambuco (1818), em Mato Grosso (1822-1830) e no Espírito Santo (1831), onde faleceu. Publicou diversas monografias, seis das quais estão impressas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O mais importante dos seus trabalhos é esta "Memória" sôbre a viagem a Mato Grosso. Publicada em 1830, não mais se reeditou, até agora quando Sérgio Buarque de Holanda teve a feliz idéia de incluí-la no tomo XIV dos **Anais do Museu Paulista**. Deve-se lembrar, porém, que Afonso de E. Taunay, considerando justamente o seu caráter de raridade bibliográfica, bem como o

interêsse que oferecia para o conhecimento de São Paulo no início do século passado, fez dela um longo resumo, em seu livro "Estudos de História Paulista", que, também, já não é facilmente encontrável. Assim, merece louvores a reedição ora feita, que é como se se tratasse de obra inédita. Do interêsse que para o estudioso de hoje pode oferecer o relato de d'Alincourt (considerando-se sobretudo o quanto são raros os depoimentos de viajantes sobre São Paulo naquela época), nada melhor do que as palavras do próprio autor para nos indicar o caráter de seu trabalho: "Dediquei o tempo, que me foi preciso empregar na jornada, que fiz, no anno de 1818, desde o Porto de Santos á Cidade do Cuyabá, em escrever o Diario da mesma jornada, notando nella a direcção da estrada, que segui, as povoações, que encontrei, os ribeiros, e rios, que atravessei, e finalmente a qualidade do terreno, por onde he conduzida a dita estrada; fazendo ao mesmo tempo aquellas observações, que julguei convenientes á utilidade do objecto, a que dirigia o Diario. Dei, por tanto, principio, e fiz a tão honrosa tarefa, suprimdo os meus bons dezejões a escassez de tempo, meios, e talentos proprios para o seu completo desempenho. O golpe de vista, o passo, e agulha; as pessoas mais cordatas das differentes povoações, a quem consultei; algumas idéas adquiridas em diversos Authores e o meo fraco criterio, forão os unicos, e verdadeiros guias do Diario, e, por consequencia, do seo objecto, que he a presente memoria. Por ella far-se-ha juizo, se não com rigor mathematico, ao menos quanto baste para se conhecer da possivel maneira a população, commercio, industria, situação, e origem das Villas, e Arraiaes, nascentes, e confluencias dos rios, direcções de serras, e particularidades dos terrenos, por onde dirigi a marcha."

Por fim, as "Raizes oitocentistas da Metrópole", de Richard Morse, professor-assistente da Universidade de Califórnia, e que há pouco esteve entre nós, coletando material para um estudo a ser publicado nos Estados Unidos. Dêsse estudo, faz parte o capitulo inserto no presente volume dos *Anais*. Justamente por não se tratar de trabalho independente, mas de capitulo de um trabalho de proporções maiores, é que se torna difficil um juizo sobre o que o Sr. Richard Morse escreveu. Todavia, é louvável o seu esforço para interpretar a história paulistana na segunda metade do século passado, ou seja na época em que teve início o grande desenvolvimento da cidade. Pareceu-nos, igualmente, oportuna a publicação dêsse trabalho, agora, que a proximidade do quarto centenário está despertando interêsse fora do comum em tórno do passado de São Paulo.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

---

PEREIRA DA COSTA (F. A.). — *Anais Pernambucanos: 1493-1590*. Vol. I. Recife, Arquivo Público Estadual, 1951. 644 p.

Quando interventor federal no Estado de Pernambuco, no periodo de 1937 a 1945, teve o Sr. Agamenon Magalhães oportunidade de promover a publicação de numerosos documentos e obras de interêsse histórico, não só para aquêl Estado, como para todo o país. As publicações então realizadas compreendiam, entre outras cousas *O Valeroso Lucideno de Frei Calado*, as *Memórias diárias da Guerra do Brasil*, de Duarte de Albuquerque Coelho, a *História da Guerra de Pernambuco*, de Lopes Santiago, a *Restauração de Pernambuco*, de D. Francisco Manuel de Melo, além de valiosas coleções de documentos, referentes, principalmente, ao período da dominação holandesa. Retomando, mais tarde, o govêrno de seu estado, já agora não mais como delegado do govêrno central, mas como governador constitucional, continuou o Sr. A. Magalhães aquêl programa de divulgação de documentos históricos; desta nova fase já se publicou o primeiro volume dos *Anais Pernambucanos*, de Francisco Augusto Pereira da Costa.

Pereira da Costa (1851-1923) foi um dos maiores conhecedores dos fastos pernambucanos. Trabalhando numa época em que a pesquisa histórica, no Bra-

sil, ainda não conhecia os modernos processos de investigação e de divisão de tarefas, realizou êle uma obra verdadeiramente enorme para um só homem que não se cercou de auxiliares e colaboradores. Mais ainda: trabalhando numa época em que as tendências dos estudos históricos eram tão diferentes das que conhecemos hoje e em que as preocupações com a pesquisa limitavam-se ao campo estreito da simples constatação de fatos, o autor pernambucano realizou um trabalho em que o historiador moderno encontrará os elementos mais valiosos para a sua preocupação não apenas constatatadora, mas interpretativa dos acontecimentos históricos, e no qual, embora não concordando com o método seguido, não poderá deixar de perceber uma fonte segura para a interpretação econômica e social do passado pernambucano.

Os **Anais Pernambucanos** estão divididos em épocas começando em 1493 e terminando em 1850. Dentro dessas épocas se situam o esforço inicial da fundação e da colonização; a penetração e a expansão no sentido interior e no sentido historicamente verdadeiro de converter Pernambuco numa espécie de núcleo e de zona de influência e de civilização do nordeste; o lento e progressivo estabelecimento da civilização; as lutas interiores e políticas; a luta contra o holandês e a sua expulsão; as revoluções libertárias e liberais; a vida econômica, política e social da antiga capitania e depois província.

Representam, assim, os **Anais de Pereira da Costa** o melhor acervo para a moderna síntese da história de Pernambuco, e louvores merece, pois, o Governo pernambucano pelo trabalho de publicação dessa obra, até agora inédita e apenas ao alcance de alguns poucos freqüentadores do arquivo em que se achavam depositados os seus originais. Resta que o trabalho prossiga e toda a obra venha a público. Pelo plano estabelecido, a edição integral deverá compreender cerca de dez volumes, com, aproximadamente, 400 páginas cada um.

#### ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

CALVOCORESSI (M. D.). — *A Survey of Russian Music*. New York, Penguin, s.d., 142 p.

Embora não se trate propriamente de um trabalho novo (pois data já de 1946) o livrinho que Calvocoressi dedicou à música russa é praticamente desconhecido em nosso meio, fora, naturalmente, dos círculos ligados diretamente à música. Parece-nos, pois, merecedor de uma pequena notícia, pois dia a dia se avoluma em nosso país a corrente dos que se interessam não só pela música em si, mas pelos livros de divulgação musical, seja história, técnica, crítica ou interpretação.

Antes, algumas palavras sobre o autor: Michael D. Calvocoressi, filho de pais gregos, nasceu em 1877; educou-se em Paris, onde viveu até 1914. Professor da "École de Hautes Études Sociales", de 1905 a 1914, seus cursos despertaram grande entusiasmo e foi o responsável por grande parte do interesse que os jovens franceses passaram a ter pelas obras dos compositores modernos, desde Stravinsky até Schönberg. A partir de 1908 (data da publicação de seu livro sobre Moussorgsky) tornou-se conhecido como autoridade em música russa, e neste setor concentrou, daí por diante, quase todas as suas atividades de escritor e professor. Isto lhe valeu alta consideração por parte do governo russo, sendo das poucas pessoas em todo o mundo que receberam provas de distinção tanto do regime imperial como do soviético. Foi feito cavaleiro da Imperial Ordem de Sant'Ana, em 1908 e membro da Academia Soviética de Artes e Ciências em 1929. Além de numerosos artigos em revistas e jornais especializados, publicou, entre outros, os seguintes livros: *Liszt* (1905), *Moussorgsky* (1908), *Glinka* (1911), *Schumann* (1912), *Principles of Musical Criticism* (1921), *Musical Taste and how to form it* (1925), *Music and Ballet* (1933), *Masters of Russian Music* (1936).

O trabalho a que nos referimos nesta nota reúne um curso realizado na Universidade de Glasgow. Após tratar, nos primeiros capítulos, da música russa primitiva, das fontes de inspiração musical (folclore e religião, principalmente), estuda a criação da ópera nacional russa, salientando o papel de Glinka e de Dargomjisky. Nos capítulos seguintes trata do "grupo dos cinco" e do importante papel que representou na criação do nacionalismo musical de fins do século passado e princípios do século atual. Assim, também, quanto a Tchaikowsky, Liadov, Arensky e Glazounov. Stralivinsky e Prokofiev, ocupam lugar de destaque, bem como os compositores do período soviético. Embora breve, o capítulo relativo a este último tópico é dos mais interessantes. A aneção, sob um mesmo regime, de diversas regiões tão afastadas e tão diversas entre si, teve profunda influência na vida musical russa, principalmente, no que se refere ao aproveitamento do folclore dessas regiões. E muitos são os compositores da nova escola russa que tem procurado nesse folclore a fonte de inspiração para as suas obras. Entre outros, Mossolov, Vassilenko, Tigranian, Melikian, Spendiarov, Liatoshinsky, Revutsky, Paliashvili, Veprik e, mais recentemente, Khatchaturian, o mais conhecido entre nós.

Evidentemente, num trabalho de divulgação, como é o livrinho de Calvocoressi, não há de querer o leitor aprofundar-se em assuntos que todos nós gostaríamos de ver bem tratados, como, por exemplo, a influência do regime soviético na vida musical russa. O A. apenas aflora o assunto, mas fornece algumas indicações úteis para um conhecimento da "música soviética". Até que ponto a intervenção oficial do governo na música é um bem ou um mal, evidentemente não é questão para indagar-se numa simples nota de revista, e a resposta dependeria, principalmente do ponto de vista de quem assinasse a nota. Quanto ao que se costuma chamar a "socialização" da música, isto é, ao fato de irem os compositores buscar inspiração para as suas obras na vida do povo (seria melhor, no caso russo, denominar-se "proletarização da música"), alguns exemplos já conhecidos entre nós, são suficientes para caracterizar essa moderna tendência da música russa: Mossolov, com a sua **Fundação de aço** e Meytuss, com a sua **Dieprostoi**, em que descreve a construção de uma represa no Dnieper. A moda parece que "pegou": um americano (por sinal de dos maiores na música moderna), Harl McDonald, escreveu uma **Sinfonia do Trabalho** e, entre nós, Cláudio Santoro imitou o russo com uma **Usina de aço**...

Constitui, em suma, o livro de Calvocoressi, um valioso subsídio para o conhecimento da história, da evolução musical de um país, onde a arte divina atingiu alguns de seus pontos mais elevados, onde a preocupação com a música foi das mais constantes e onde a sua evolução apresenta alguns de seus aspectos mais interessantes.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

VÉRTICE (Revista de Cultura e de Arte), Coimbra, Portugal.

Esta revista continua a ser uma das mais interessantes de Portugal. Dos números recebidos, notaremos apenas entre matéria sempre digna de atenção, os artigos que mais podem interessar os nossos leitores.

N.º 87 (novembro, 1950): **Breves Notas sobre as Tendências da Literatura Portuguesa no final do século XIX**, por T. Ramires Ferro (pp. 277-295); **Encontros em Paris** (Carlos Schiar, o ilustrador de Jorge Amado), por Mário Dionísio (pp. 296-302); algumas cartas de Antero, etc.

N.º 92 (abril, 1951): **Criação e Dinamismo Econômico do Mundo Atlântico**, por V. Magalhães Godinho (pp. 149-154 — extraído de *Les*

**Annales**). Neste artigo o A. detem-se a estudar o problema que tanto preocupa o nosso mestre e amigo, o Prof. Fernand Braudel — o problema do Atlântico. O mundo Atlântico é para o A., a "grande novidade do mundo moderno". Esboça ele, no seu artigo as linhas da "dinâmica do âmbar", na expressão de Braudel, e mostra que, nas trocas com a Espanha para a obtenção da prata utilizaram os portugueses, o tabaco, o açúcar, o pau brasil e o sal de Setubal. Álvaro Sampaio contribuiu neste número com artigo cheio de humor em que descreve a **Origem, a Vida e a Morte da Retórica**, da retórica tão nossa conhecida (além e aquém Atlântico...) e de que é exemplo a frase de um dos nossos atuais deputados, segundo contara a revista **Comício**, em um dos seus recentes números. A frase é esta: "As minhas armas, Sr. Presidente, são o meu patriotismo, lubrificadas pelo viático da minha sinceridade"... (V. **Comício**, n.º 2, 1952).

**N.º 93** (maio, 1951): **Castilho e o ensino popular**, por J. Sousa Marques (interessante nota sobre o ensino popular de Castilho) (pp. 195-210); **A Poesia, a Música e a Criança**, de Ilse Rosa (pp. 218-223) e o artigo transcrito de **Les Annales**, de V. Magalhães Godinho, **Portugal, as frotas do açúcar e do ouro** (pp. 227-238). Neste número, na rubrica **livros**, há um importante trabalho de Oscar Lopes (pp. 245-248) acerca da nova edição do **Verdadeiro Método de Estudar** de Luiz Antônio Verney, organizado pelo Prof. Antônio Salgado Junior (Edições Sá da Costa).

**N.º 94** (junho, 1951): Além da continuação do artigo sobre **Castilho e o ensino popular**, de J. Sousa Mendes (pp. 261-272), há ainda uma conferência do Prof. Octave Nadal, da Faculdade de Letras de Poitiers sobre **Humanismo Clássico e Humanismo Moderno** (pp. 275-283). Do Snr. Vitorino de Magalhães Godinho publica-se a conclusão do artigo iniciado no número anterior (pp. 284-292).

**N.º 95** (julho, 1951). Neste número, J. Sousa Mendes conclui o seu artigo sobre **Castilho e o Ensino popular** (pp. 325-337). Oliveira Sá (pp. 363-368) estuda rapidamente um assunto de interesse para nós, o **Problema da mão de obra indígena em Angola**, onde "a maioria esmagadora, embora possivelmente apta para vários trabalhos não os poderá efetuar com um mínimo de competência indispensável por falta de conhecimentos suficientes"... Este número insere ainda um artigo de Jorge de Macedo sobre o livro de Mário Soares — **As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga** (pp. 380-383) que é assunto de interesse para nós, pois Teófilo, foi, em Portugal um dos representantes da "ideologia" de Comte. "A convergência de ação revolucionária, escreve o Snr. Álvaro Ribeiro, no prólogo do trabalho, **Os Positivistas, Subsídios para a história da filosofia em Portugal** (Lisboa, 1951) foi devida à adaptação do positivismo como sistema unificador, ou dominante, de todas as forças interessadas na preparação de um novo período, ou novo ciclo, de política nacional" (p. 15) e, nessa preparação Teófilo ocupou lugar de destaque.

Não julgamos, porém, que o positivismo tenha sido, de fato, a doutrina que empolgou os republicanos. Cremos que há ali, como aqui, uma certa facilidade de ligar as idéias de Comte ao advento do regime republicano. Acreditamos, com Jorge Macedo que o positivismo de Teófilo é antes um "enxerto, à falta de melhor, para lhe permitir, no seu amor pelos conceitos gerais e

pelas visões de conjunto, defender determinadas posições". (Vértice, n.º 95, p. 382).

- N.º 96** (agosto, 1951): O Snr. Luiz Leite de Vasconcelos continua neste número o seu estudo sobre o **Predomínio Financeiro no Brasil** (pp. 417-423), "Não se poderá traçar a evolução histórica dos investimentos de capital estrangeiro no Brasil sem considerar alguns aspectos salientes da política portuguesa em relação à sua mais próspera colônia, e a sua estreita dependência econômica aos potentados ingleses. Os dois fatores históricos condicionam, como é natural, a emergência do Brasil independente nos mercados mundiais" (p. 417). É de se fazer a aproximação destes artigos do Snr. Leite de Vasconcelos com aquêles acima citados, do Snr. Magalhães Godinho.
- N.º 97** (setembro, 1951): **Plano para um ensino liberal proposto aos deputados de 1823**, por J. Sousa Marques (pp. 445-456). Neste artigo há várias notas que talvez expliquem alguns aspectos de história do ensino no Brasil. Luiz Leite de Vasconcelos. **Predomínio Financeiro no Brasil** (conclusão: 464-478). Não é muito insistir sobre o interesse deste artigo. A revista Vértice anuncia, em nota, na conclusão deste artigo, que o trabalho do Snr. Luiz Leite de Vasconcelos é apenas um esboço de trabalho mais largo que o A. prepara. É com o máximo interesse que ficamos à espera do trabalho completo do Snr. Leite de Vasconcelos.

J. CRUZ COSTA.